

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Strategic Vision: America and the crisis of global power*. New York: Basic Books, 2012. 208p. ISBN: 978-0-465-02955-6.

RENATO THOMAZ BORGES¹

Palavras-chave: Estratégia, Política Externa, Geopolítica

Keywords: Strategy, Foreign policy, Geopolitics

O professor Zbigniew Brzezinski, ex-assessor de segurança nacional na administração Carter (1977-1981), pode ser considerado um desbravador da academia de Ciência Política dos Estados Unidos. Autor da tese que lhe abriria caminho para a carreira política – cujo tema baseava-se na original constatação dos nacionalismos no Leste Europeu e na fragmentação do bloco soviético ainda na década de 50 -, e escritor de obras, ou manuais de instrução, de alta relevância para seus sucessores na Casa Branca, o polonês naturalizado norte-americano é um dos grandes nomes da estratégia e da geopolítica contemporâneas.

Seu livro mais recente, aos olhos do leitor atento, lembra um testamento político de um acadêmico que se mantém firme e perspicaz há mais de oitenta anos. Curto, com escassas referências bibliográficas e contendo diversas ideias expostas em oportunidades anteriores, Brzezinski demonstra a confiança e sobriedade de sua experiência ao legar aos *policy-makers* norte-americanos uma “visão estratégica” para o futuro da América como potência-líder de um mundo agora multipolar.

Brzezinski reserva um espaço significativo para suas críticas em *Strategic Vision* dedicado à política doméstica. Alguns dos conhecidos problemas que afligem a atual sociedade norte-americana, tais como o problema econômico que envolve sua dívida insustentável e o deficiente conhecimento de mundo da população, são os exemplos mais preocupantes para o autor, fazendo com que sinalize as semelhanças entre a União Soviética em seus últimos anos de crise e queda, e a potência estadunidense nesse início do novo milênio. Esses aspectos são acompanhados ainda pelo frágil sistema financeiro, a crescente desigualdade social e a decadente infraestrutura nacional.

Somado aos problemas internos, destaca com severidade os catastróficos resultados da Guerra no Iraque acumulados ao longo do governo de Bush filho e os relaciona com o atual debate que presenciamos na academia especializada sobre a guinada do centro de gravidade mundial do Ocidente ao Oriente, esse

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista CAPES. Endereço para correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524, 9º andar, bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro. E-mail: renato.t.borges@hotmail.com

Recebido em 11 de agosto de 2014
Aceito em 08 de setembro de 2014

Received on August 11, 2014
Accepted on September 8, 2014

DOI: 10.12957/rmi.2014.12353

último englobando um seleto grupo de países que tem feito um trabalho elogioso em matéria de indústria, ciência e tecnologia nacional.

O autor recorda que os Estados Unidos saíram vitoriosos e hegemônicos com o fim da Guerra Fria em 1990, mas desde então o poder tem se dispersado pelos continentes e atravessado Estados que, como a Rússia, Turquia e China, buscam melhores posições no tabuleiro de xadrez do sistema internacional. Diante desse “poder global”, podemos observar o nascimento de um fenômeno do qual o próprio já chamava atenção na década de 90: o despertar político de populações anteriormente passivas ou reprimidas. Vista, por exemplo, no Leste Europeu e no centro da Europa - e mais recentemente nos países árabes, a interdependência em conjunto com a modernidade dos aparelhos informativos e sociais nas mãos de cidadãos desempregados, jovens estudantes e uma massa com maior tendência à mobilização estão moldando as novas relações entre Estados-nação.

Ante essa complexidade em que se baseia o século XXI, os Estados Unidos mantêm-se como uma nação indispensável, não como um poder unipolar e coercivo, mas como um guia – ou um líder -, que ajude a recuperar a declinante presença ocidental, promova e garanta a extensão e a influência de seus parceiros ocidentais e ao mesmo tempo se apresentem como “*balancer and conciliator*” nas questões asiáticas. Isso significa avançar no diálogo com a China para contrabalançar os efeitos negativos de sua ascensão e evitar a possibilidade de conflitos entre norte-americanos e chineses e entre estes e seus vizinhos na Ásia. Segundo ele, o país precisa nutrir uma visão de segurança transcontinental que parta da Europa, passe pela Eurásia e alcance o Japão, evitando, assim, possíveis ameaças

de instabilidade nessas regiões de Estados frágeis e conflitos seculares.

Brzezinski argumenta também que a percepção por outros Estados do declínio norte-americano e sua incapacidade de apoiar, proteger ou auxiliar aliados estratégicos levaria ao colapso do sistema internacional e, conseqüentemente, da prevenção e dos mecanismos de solução diplomática de conflitos entre as nações. Por conseguinte, aqueles países que se mostram insatisfeitos com suas posições se comportariam de forma mais agressiva nas suas respectivas esferas de influência – Ucrânia, Taiwan e Israel sendo os exemplos mais pertinentes no papel de vítimas de tal cenário hipotético.

Seguindo o panorama caótico, a obra expõe a preocupação com a proliferação nuclear ao levar em consideração uma América fraca e isolada. Dessa forma, presenciariamos uma corrida armamentista de armas de destruição em massa entre Estados que em seus entornos geográficos não se sentem seguros o suficiente perante a vizinhança. No caso do Afeganistão o autor sugere que o fracasso norte-americano na manutenção do envolvimento da sociedade internacional na guerra e a perda de legitimidade externa e interna para essas intervenções poderiam transformar o país afegão no paraíso ideal para práticas terroristas, além de ameaçar a região com o possível alastramento da crise e facilitar a aquisição de armas nucleares por grupos criminosos.

Em suma, a ausência de uma América revitalizada e ciente dos seus deveres e princípios afetaria ainda mais as já cambaleantes negociações que fomentam soluções para problemas universais, tais como a redução dos recursos hídricos e as mudanças climáticas. A participação dos Estados Unidos com estímulo nacional e com a postura legitimada por seus pares

internacionais deve fazer progredir a cooperação da sociedade internacional para com os assuntos que sustentam o bem-estar da espécie humana frente aos novos desafios do milênio.

Disso feito, Zbigniew Brzezinski nos apresenta uma leitura essencial não apenas para os estadistas que vivem um contexto internacional onde as grandes potências, em particular os Estados Unidos, praticam uma

política externa ambígua e hesitante, como também para os analistas que buscam nesse arsenal diplomático um caminho para compreender e debater o futuro das relações internacionais e da superpotência que moldou a ordem até então existente.